



ENTRADA LIVRE
SEGUNDAS-FEIRAS, 21H

POLÍCIAS E LADRÕES - O CINEMA À LEI DA BALA

SELEÇÃO DE FREDERICO CORADO

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 13 DE ABRIL, DE 2026 - 21H00



O filme, de um ritmo galopante, construído à boa maneira do mais clássico e bem-sucedido cinema americano, vive essencialmente da oposição que se estabelece entre duas figuras que, ao longo de todo ele, são obrigadas a colaborar para capturar uma quadrilha de ladrões que havia assassinado dois polícias. É assim que Jack Gates (Nick Nolte), o polícia, vai buscar Reggie Hammond (Eddie Murphy), que se encontra preso, mas outrora companheiro do «gang», para com o seu auxílio atingir a pista dos criminosos. Jack é polícia e branco, Reggie é negro e prisioneiro com “48 horas” de folga. Ambos se encontram presos por algemas e, mais do que isso, por interesses comuns ao lado de outros inteiramente divergentes. É do jogo que se estabelece entre duas personagens que vive grande parte da obra, o que é dado de forma brilhante pelo cartaz original.

Realizado em 1982 por Walter Hill, “48 Horas” surge num momento particular do cinema americano, quando o filme policial urbano procurava renovar-se depois da vaga mais sombria dos anos 70. Hill, que já demonstrara uma notável aptidão para o cinema de acção em títulos como “The Warriors” ou “The Driver”, encontra aqui o equilíbrio perfeito entre violência seca, humor cáustico e uma narrativa que nunca abranda o ritmo. A cidade, uma São Francisco nocturna, suja e cheia de becos, funciona como placo ideal para esta história de perseguições, bares decadentes e motéis de estrada. Mas aquilo que verdadeiramente distingue “48 Horas” é a química explosiva entre os seus dois protagonistas. Nick Nolte compõe um polícia rude, cansado e algo cínico, herdeiro directo das figuras duras do policial americano clássico. Eddie Murphy, então praticamente desconhecido do grande público, surge como uma revelação absoluta: insolente, verbalmente brilhante e dotado de um sentido de timing cómico extraordinário. A tensão racial latente entre as duas personagens, tratada de forma frontal e muitas vezes provocadora, transforma-se rapidamente num dos motores do filme, funcionando simultaneamente como comentário social e como fonte de humor.

A dinâmica entre Jack e Reggie acabaria por definir um modelo que o cinema comercial exploraria intensamente nas décadas seguintes: o chamado “buddy movie”, em que duas figuras opostas são obrigadas a trabalhar juntas. Filmes como “Lethal Weapon”, “Beverly Hills Cop” (ambos a serem exibidos neste ciclo) ou mesmo algumas das comédias policiais dos anos 90 devem muito à fórmula aqui consolidada. Contudo, poucos conseguiram reproduzir a espontaneidade e a energia quase crua que “48 Horas” apresenta.

Walter Hill conduz a narrativa com grande economia de meios. Não há aqui excessos estilísticos nem complicações desnecessárias: tudo está subordinado à



eficácia dramática e ao ritmo da acção. As perseguições, os confrontos físicos e os diálogos rápidos sucedem-se com uma precisão quase mecânica, mantendo o espectador constantemente em movimento. Ao mesmo tempo, o filme não perde de vista o lado mais humano das suas personagens, permitindo que por detrás da dureza e da ironia surjam breves momentos de cumplicidade inesperada.

No fundo, “48 Horas” é um filme de transição. Marca a passagem entre o policial duro e desencantado dos anos 70 e o espectáculo de acção mais leve e irónico que dominaria Hollywood na década seguinte. Ao mesmo tempo, assinala a estreia cinematográfica de Eddie Murphy, que rapidamente se tornaria uma das maiores estrelas da comédia americana. O resultado é um filme que, mesmo visto hoje, conserva intacta a sua energia, funcionando como um exemplo particularmente eficaz de entretenimento popular bem construído.



48 HORAS

Título original: 48 Hrs.

Realização: Walter Hill (EUA, 1982); Argumento: Roger Spottiswoode, Walter Hill, Larry Gross, Steven E. de Souza; Produção: D. Constantine Conte, Lawrence Gordon, Joel Silver; Música: James Horner; Fotografia (cor): Ric Waite; Montagem: Freeman A. Davies, Mark Warner, Billy Weber; Casting: Judith Holstra; Design de produção: John Vallone; Decoração: Richard C. Goddard; Guarda-roupa: Marilyn Vance; Maquilhagem: Michael Germain, Edouard F. Henriques, Dagmar Loesch; Direcção de produção: Gene Levy; Assistentes de realização: Deborah Love, David Sosna; Departamento de arte: Jeff Clark, Johnny Lattanzio, Margie Stone McShirley, Craig Raiche, Robby Vandermark; Som: Glenn E. Anderson, Richard L. Anderson, Stephen Hunter Flick, Rick Kline, Gregg Landaker, Donald O. Mitchell; Efeitos especiais: Joseph P. Mercurio, John R. Elliott; Companhias de produção: Paramount Pictures, Lawrence Gordon Productions;

Com: Nick Nolte (Jack Cates), Eddie Murphy (Reggie Hammond), Annette O'Toole (Elaine), Frank McRae (Haden), James Remar (Ganz), David Patrick Kelly (Luther), Sonny Landham (Billy Bear), Brion James (Kehoe), Kerry Sherman (Rosalie), Jonathan Banks (Algren), James Keane, Tara King, Greta Blackburn, Margot Rose, Denise Crosby, Olivia Brown, Todd Allen, Bill Dearth, Ned Dowd, Jim Haynie, Jack Thibau, Jon St. Elwood, Clare Torao, Sandy Martin, Matt Landers, Peter Jason, etc.

Duração: 96 minutos; Distribuição em Portugal: inexistente; Distribuição

internacional: Paramount (Espanha); Classificação etária: M/12 anos; Estreia em Portugal: 27 de Janeiro de 1984.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“O CAÇA POLÍCIAS”, de Martin Brest (1984)